



52-2-385



O CORSARIO,

JORNAL LITTERARIO E DE CRITICA THEATRAL.

E' meu barco o meu thesouro,
A Liberdade o meu Deos!
E'-me o pego unica patria
Lei a força, o vento, os céos!

ESPRONCEDA — Imitação.

Publica-se aos sabbados, na typographia GUANABARENSE de L. A. F. de Menezes, rua de S. José n. 45; onde subscreve-se a 1\$200 por trimestre; e vende-se avulso a 80 rs.

N. 4.

Sabbado 29 de Março.

1851.

O CORSARIO,

O norte sopra rijo, e o CORSARIO continúa rasgando os mares entre duas orlas de espuma, que lhe açoitam o costado, e ficam fervendo pela esteira das ondas com prolongado murmurio. Mas o gageiro da prôa lá descobrio ao longe um pontinho branco no horizonte, e gritou para o capitão:— «Temos vela pela aresta de bombordo!—» «A seus postos!» bradou o commandante.

Como por encanto todos ficaram firmes nos seus lugares; e depois de se ter firmado a bandeira com um tiro de polvora secca, o navio estremeceu de popa á prôa, e ei-lo outra vez galgando com mais soberba e altivez os plainos azulados d'este terrivel oceano, para se aproximar do navio, que o gageiro tinha descoberto.

Quando chegaram perto, conheceo o CORSARIO, que apesar da bandeira inimiga, não era uma batalha de exterminio, que tinha de travar com o seu adversario. Era uma luta franca, grave, reflectida, em que não devia esquecer de parte a parte uma só formalidade

da disciplina, um só dos cavalheirosos deveres de dous nobres contendores.

O CORSARIO saudou pois o *Orsatista*.

Depois d'este lisongeiro comprimento, os dous continuaram a sua derrota, seguindo cada um a prôa de seu rumo, batendo-se corajosamente, todas as vezes que se encontravam em prol do seu bom direito. Porém sem rancor, sem fel, sem odios inveterados; mas prasenteiros, galhardos, cortezes, sem as más iras d'aquelle terrivel *Conrado*, que nos pinta Byron, com a colera nos labios, nos olhos sanguinosos o lume do inferno, e no braço denegrado e crestado pelo sol, o exterminio de Satan! Comtudo, por mal de peccados, houve um terceiro, que julgou, que depois do combate éra inevitavel o *saque*, e esperou aproveitar algum dos *despojos*, que ficassem dos dois terriveis rivaes!

Mas, infeliz! A' primeira balla que lhe jogaram, *adornou* como um kágado que viraram de costas, e assim fica a nadar em secco, até que desfallecendo, morre.... como tinha vivido a dar com os pés e mãos, sem saber aonde se agarrar!

Este pobre, é o *Montanista*!

Faz dó! Nós que somos propensos á com-

paixão, sentimos no fundo d'alma, apesar de rudes marinheiros, a sua miseria, e já estive-mos para lhe atirar uma boia de salvação, a vermos se ganha terra, e pôde salvar-se do terrível temporal, que elle mesmo levantou com as rajadas fortes das suas asneiras, e o ingrato nordeste das suas parvoices.

Mas qual! Agora nem o pode restituir a vida um milagre da *Panacéa universal*, que deixa muito áquem as modernas descobertas da sciencia, e o proprio systema da *homœopathia*!!

No entanto, vamos nós collega *Orsatis-ta* empenhando-nos mais á vante na nossa luta, sem precisar-mos chegar á *abordagem*, por que felizmente temos bastante *polvora e balla*, para muito tempo de campanha; e os naufragios cá por estes baixios, não são dos mais perigosos, para quem tem a bordo boa guarnição.

Verdade é que ficamos um pouco zangadetes, quando nos dicesteis, que usavamos de deslealdade na defesa da nossa bandeira. — Essa palavra sãoanos mal. Desleaes, nunca! Mas talvez seja por vós empregado esse termo d'um modo diverso á significação, que lhe poderamos dar — e em vez de alguns tiros que trocaríamos, — vamos fazer um brinde, com aquelle precioso licôr da Ilha de Chypre, que fez duas vezes Deus o proprio Jupiter, e que nós troxemos d'uma viagem, que vos contaremos um dia.

Vamos fazer um brinde á deslealdade do amor, quando essa deslealdade traz com sigo o culto d'uma melhor divindade!! Agora cá vos esperamos a bordo; e no dia em que vierdes reunir-vos ás nossas bandeiras, o CORSARIO ha de embandeirar-se, e um dos mais nobres lugares vos será offerecido á direita do seu commandante!

Theatro de S. Pedro de Alcantara.

Assistimos na noite de 25 do corrente no Theatro de S. Pedro d'Alcantara, á representação do drama—Os Mystérios de Paris — que foi a scena, para festejar o anniversario do juramento da nossa Constituição. Eis-aqui em poucas palavras o que podemos colher do seu desempeuho.

○ Sr. João Cactano (*Jacques Ferrand*) foi como se devia esperar—bem. A scena em que elle deixa cahir por um momento a máscara da hypocrisia, e mostra claramente um coração dominado pela sêde de ouro, sendo capaz das maiores iniquidades, para conseguir seus fins, foi realmente bem executada. Quando elle faz em fim, a declaração do amor, que lhe tinha inspirado *Flôr de Maria*, quando cahe

a seus pés pedindo-lhe que o ame, e é interpolado pelas argoladas, que de fora fazião estremecer a porta, a sua desesperação por se ver contrariado; a mudança repentina que se opera nos seus modos, quando vae receber o Principe; a passagem rapida de um sentimento a outro, foi executado maravilhosamente! Era o retrato fiel d'esses homens, que sob uma falsa apparencia, sabem ganhar uma reputação de honradez e probidade, quando não passam de uns miseraveis, tanto mais dignos de execração, quando se envolvem n'um veo de austeridade, para mais a seu salvo poderem verter o fel das entranhas, semelhantes á serpente, que se occulta e fere d'entre flôres! O sangue frio, que elle apresentava ante os mais injuriosos sarcasmos, a innocencia que sabia affectar, eram com effeito admiraveis, e confundiam aos seus proprios cúmplices, que muitas vezes eram antes o instrumento de seus damnados projectos, do que socios das suas atrocidades.

○ *Mestre-escola* (Sr. Arêas) esteve a nada deixar a desajar. Era o mesmo, tal qual nos pintou Eugenio Sue: um homem perverso, que não conhecendo nenhuns dos laços, que resfream as paixões dos outros homens, não tinha por isso consideração alguma, que o fizesse recuar diante d'uma serie de crimes. Possuiu-se do papel por tal modo, que nos parecia estar vendo aquelle monstro, nas suas machinações tenebrosas, nos seus projectos horríveis! Caminhava para o seu fim, sem que na passagem cousa alguma pudesse pôr diques á torrente de seus crimes, e ás ingenhosas invenções de uma imaginação asquerosa, que nada mais comprehendia senão a necessidade de sangue e de ouro.

A parte do *Churinada*, com quanto não fosse muito bem distribuida, pois que não é do caracter do Sr. Mendes, com tudo não foi mal desempenhada. Faltava ao Sr. Mendes um não sei que, para nos figurar tal qual devia ser esse *Churinada*, lançado ás fezes da sociedade mais dissoluta, vivendo quotidianamente entre scelerados, e conservando sempre um fundo de honradez e probidade, que attestavam, que até na mais miseravel condição, se encontram corações virtuosos, que recebendo as suas inspirações do Céu, sabem resistir ás tentações do vicio.

○ Sr. Costa (*Rodolpho*) comprehendeu bem a parte do personagem, que nos tinha de revelar. Só no primeiro acto não nos satisfiz muito, quando nos pinta esse *Rodolpho* que descia dos dourados salões de seu palacio, para vir nos bancos immundos de uma taverna, reconhecer a desgraça, e socorre-la. Os seus modos destacavão-no de seus companheiros, e não se compadeciam com as circumstancias em que, como nos pinta Eugenio Sue, elle devia mostrar-se mais habituado áquella sociedade, e aos costumes d'aquelles individuos, com quem tratava. Mas essa ligeira ommissão foi destruida pela boa maneira por que desempenhou os actos seguintes. A scena, por exemplo, em que a *Condessa Sara* lhe diz, que essa filha tão chorada ainda existia, lhe declara o seu nome, foi realmente bem executada. A duvida, o receio, que o assaltam, de que seja falça aquella noticia, a voz do coração, que lhe brada, que essa *Flôr de Maria* é com effeito sua filha, a sua angustia pela sua supposta morte, e em seguida a emoção, que lhe causa a noticia de que ella ainda vivia, foi executado com toda a naturalidade dos diversos sentimentos, que de tropel lhe invadião a alma.

○ Sr. José Ramualdo no papel de *Morel* foi soffrivel. Este papel merece a mais serla attenção, pois nos manifesta claramente toda a miseria da humanidade!

A pintura de um pai, a quem a desventura arrojou a uma condição mísera, cercado de filhos, e de uma esposa amada, de quem é obrigado a ver os padecimentos, sem poder valer-lhe; o suplicio d'aquelle honrado homem, quando se vê descido das illusões da esperança á realidade da desgraça; a sua desesperação quando se vê considerado como um ladrão, elle, que trabalhava noite e dia para adquirir o mínguado pão com que matava a fome de seus pobres filhinhos; faz realmente honra á penna do autor do drama.

○ Sr. A. Montani no seu papel (*Cambeta*) não foi mal. Não escreveríamos estas linhas senão nos recordasse o seu papel um destes meninos infelizes, que nascidos talvez debaixo de signo favoravel, fazem-se mãos pelos vicios da má sociedade que os circula, e que lhes vai a pouco e pouco embotando as qualidades natas, e o arrastam de precipicio em precipicio, até torna-lo um ente indigno, quando em vez de ser a vergonha da sociedade poderia ser-lhe ainda util, se uma honrada mão se lhe estendesse,

e o ajudasse a erguer-se da esteira da desgraça, e berço muitas vezes de todas as iniquidades.

A Sra. Luduvina, comprehendeu bem a sua parte (*Condessa Sara*). Revelou-nos perfeitamente essa mulher dominada pela ambição, e pondo em pratica toda a industria para conseguir a realisação de seus dourados sonhos. A sua emmoção foi perfeita, quando tendo achado uma infeliz para substituir a falta de sua filha, vem no conhecimento de que essa desgraçada é sua propria filha. A scena, que se seguiu em que revela ao Principe a existencia d'essa menina, a sua humilhação ás suas duras palavras, a sua altivez abatida ante as desgraças d'essa pobre menina, que não podiam emfim deixar de echoar n'um coração de mãe, a sua ansiedade quando soube que essa filha estava tão proxima, as supplicas para que o Principe a deixasse ver se quer por um instante. o seu jubilo quando a observa, e finalmente a declaração que lhe faz de que o Principe era seu pai, e ella sua mãe, foi executado perfeitamente, com as differentes emmoções que requerião tão diversos sentimentos.

Na scena do 4.º acto, quando se nos apresenta a habitação do infeliz *Morci*, a Sra. Estella esteve excellente no character que desempenhou, Essa desgraçada, que augmentava ainda, se era possível, a desventura d'aquelle miserando pai, foi-nos reproduzida pela Sra. Estella com uma habilidade, que faz honra ao seu talento. A Sra. Estella arrancando aquelles bravos do publico, não teve senão o premio da boa execução de um papel, que a muitos parecerá mediocre, mas que é realmente de um desempenho difficilissimo.

A Sra. Gabriela, na parte de *Flór de Maria*, deu-nos mais uma prova do seu talento artistico. Vimos já executar este papel por uma outra dama, e, ou fosse por que o acaso se houvesse incumbido de achar uma *Flór de Maria* pouco mais ou menos nas circumstancias, e do coração d'aquella, que Eugenio Sue creou, ou fosse por que nos pareceu que o papel de *Risoleta* ia-lhe melhor; fosse em fim pelo que fosse, pareceu-nos que a Sra. Gabriela, com quanto desempenhasse o seu papel brilhantemente, não nos pintou com cores vivas, essa innocente menina, victima da prepotencia de um malvado, cumplice involuntaria dos seus delittos, e sacrificadora innocente de sua propria honra, que era maculada e posta em problema, só pelo facto de existir no meio de uma sociedade pervertida! Como se uma moça não tivesse em todas as condições da vida, coragem bastante para fugir a todas as seduções, e evitar as ciladas dos perfidos que a circulam, e que burlados em seus damnados intentos, buscam em vingança forçar apparencias, e assim macular sua reputação! Miseraveis! que nem se quer valeis o desprezo dos corações virtuosos!...

A Sra. Ricciolini foi soffrivel no seu papel. Parecia-nos mesmo a Sra. *Pipelet* dos *Mysterios*, sempre tagarella, curiosa, garrula, e sempre amando ao seu querido *Alfredo* (*Thimoteo*), que tambem, por seu turno, não a deixava um momento tranquilla, com as narrações que de continuo lhe fazia das diatribes de *Cabrion*, esse Belzebuth que o fazia tremer só com a sua lembrança, e que era o máu espirito da existencia do pobre *Pipelet*, que sem duvida quereria ver-se livre de tão terrivel inimigo, para então mais socegradamente votar todos os seus instantes á sua *sinhá velha*...

PIRON.

A Sra. Jezuina Montani acha-se contractada no theatro de S. Francisco. Suppomos que estreará no drama — *Peregrino Branco* — em que lhe foi distribuido o papel, que outr'ora desempenhou a Sra. Gabriella. A Sra. Orsat, cremos que tem tambem parte no referido drama. Aprazamos pois o «Orsatista» para a noite do espectáculo.

Resposta ao «Montanista.»

Vamos responder-te mas sem cholera. Quando eras só estúpido, procuravamos emendar-te, a ver se por tua honra te callavas: porém agora que és malcreado, vamos desprezarte para sempre!

Lemos o teu artigo e rimos, rimos, rimos!

E'ra a primeira resposta que tinha; um tolo provoca uma gargalhada! A tua arrogancia é miseravel; o teu espirito nunca te passou da cabeça, para os bicos da pena, porque a mão havia de tremer-te, n'algum desses momentos!!!

E' incrivel a tua audacia! Pois não vês *Othello* caricato, que o papel destestavel, ignobil, vergonhoso é sómente aquelle que tu representas? — Quem é que se atreve a escrever asneiras com um despejo tão admiravel como o teu, *Udibras* ridiculo! E's na realidade o ultimo élo da cadeia humana! Marcas pela tua estupidez a transição do homem para o bruto na escallada criação! Nós te desprezamos, como quem despreza um limo abjecto; mas, não, sem primeiro te retalhar-mos com a espada, com que o capitão d'Apulia zurzia as costa dos romanos! De pé, trapeiro da imprensa! Ouve-nos, e esconde-te dez braços pela terra dentro, se a tua vergonha não é menos fraca do que o teu orgulho.

Convidas-nos para uma discussão seria por meio da imprensa? Não podemos aceita-la; porque tu estás incurso na letra n'um protexto, que fizemos no nosso primeiro numero — És um regatão de praça! E para nós a imprensa é uma tribuna, e não um alcouce!

Quizeste jogar-nos um epigramma, mas pensando que te sahia agudo como um *espardarte*, sahio-te rombo como um batoque! Tornaste-te mais ridiculo ainda, querendo ferir os outros com a arma, que apontavas contra ti!

Quando nós fossemos um moleque, tú éras um forçado, miseravel rapaz d'escola.

Cada vez estamos mais capacitados de que nem lês sabes; pois confundes faltas d'imprensa com erros de grammatica, inevitaveis n'este genero de publicações, em que não pode haver todo o preciso cuidado. Agarras-te então a esse recurso mesquinho, por que não tens outro. Se a razão te desse argumentos, o estudo te libertasse da ignorancia, não ha-

vias de appellar para esse sophisma impotentel

Vamos tambem mostrar-te o que é escrever com gramatica, logica, e clareza.

Montanista n. 4. — «Leste o nosso artigo, e impotente, incapaz de responder-o, por que a mente. &c.» Isto é que se chama empregar os verbos nos seus tempos? Bem vêes, ignorante, que não te vamos buscar os exemplos muito longe!!

Idem. — «O principe—Costa—pouco se interessa pelo destino de Flor de Maria» Quem é este personagem principe—Costa? —Não o conhecemos no drama!

Idem. —... «compreendeu o seu papel (o Sr. Areas) que é um dos mais bem tratados no drama. O drama trata papeis? Mais bem. Que bom portuguez!!

Montanista n. 3 — Fallando d'um artigo do Orsatista diz: *Parto d'uma cabeça* — sui generis — *tumida composição de um espirito apoucado e medroso* — Tumido, quer dizer inchado, orgulhoso, suberbo. Vê se concorda com *apoucado e medroso*!!

Idem — *Seguiu-se o — Mascate Italiano* — que o publico o ouviu com paciencia evangelica &c. — Que significa este, o ouviu? é a gramatica do Montanista?

Idem — Fallando do Sr. João Caetano diz: *Felizmente o illustre comico satisfez sem o saber o desejo do nosso amigo.* O Sr. João Caetano é comico? Fazemos-lhe mais justiça, porque o temos na conta d'um artista grave e serio, a quem não compete esse titulo, que só indica presentemente um character vulgar e ridiculo, como o do Montanista.

Idem — *Gostamos do Sr. Gusmão, sempre que representa papeis em que a prudencia anda unida a uma idade já avançada, e por isso gostamos do duque:* Qual é a significação deste trecho? Que oração é esta?

Na outra linha:

Salviatti já não precisa d'analyse. E' o Sr. José Candido sempre bom e docil — Tudo quanto é o Sr. José Candido sempre bom e docil; não precisa analyse?!! — Miséria!

Pomos de parte o 1.º e 2.º numero do Montanista, para não enjoarmos os leitores; e perguntamos agora, quem escreve semelhantes parvoices, tem direito de criticar a falta de um *s* n'um artigo, um *u* virado de pernas para o ar, chamando-lhe erros de grammatica? — Não mereces mais resposta; Somos generosos, e conhecemos, que é fraqueza dar n'um morto — Mas se quebrares o

teu protexto, e tornares a dirigir-nos uma palavra — ai de ti!!...

AMANHÃ!

Queres saber o motivo
Da minha eterna tristeza?
Por que gemo—soffro—e vivo
Em crúa negra incerteza?
Por que os meus cantos sentidos,
Vão rasgados e partidos
Pelas ancias—pela dôr?
Por que vago incerto, errante?
Animado n'um instante,
N'outro exausto e sem valor?
Queres saber por que páro,
Do caminho já no meio?
Desejo, quero, receio?
Estremeço quando encáro
Toda a minha solidão?
Adorando com loucura,
Eu sonho agora ventura,
No mesmo instante traição?
Por que o mundo me não crê,
E ninguém comigo lê,
N'um livro, que tenho meu,
Onde ha palavras escriptas,
Como as letras infinitas,
Que á noite surgem no céu?
Por que não cuido nas flôres,
Que me recordam amores,
Dos tempos que não vem mais?
Quando a vóz da poesia
Transformava em harmonia,
Os meus tormentos reais?
Sabes por que, gentil dama?
Por que meu peito se inflama,
No mesmo fogo, que o mata?
Por que sinto a indiferença,
Seguir-me como a sentença,
Do meu destino fatal?
E choro, e rindo sem tino,
Entre os homens, peregrino,
Vageio, triste, selvagem?
Eu te digo: Atroz imagem,
Me segue, de sombra vã:
Que me diz:—Esperas louco,
N'esse dia de amanhã!!